

GALERIA PEDRO OLIVEIRA

CALÇADA DE MONCHIQUE, 3 TEL: +351 222 007 131 EMAIL: galpo@mail.telepac.pt
4050-398 PORTO PORTUGAL FAX: +351 222 002 334 www.galeriapedrooliveira.com

PRESS-RELEASE
12 JUNHO 2009

ROGELIO LÓPEZ CUENCA A PARTILHA

INAUGURAÇÃO SÁBADO 20 JUNHO 16H

23 JUNHO – 30 JULHO 2009
TERÇA - SÁBADO 15-20H

Rogelio López Cuenca trabalha permanentemente na elaboração de um arquivo de imagens, aberto, em construção, na forma de caderno de notas, de desenhos, de apontamentos do natural – considerando como “natural” também, ou sobretudo ou mais justo o contínuo fluir icónico que configura a paisagem da nossa vida diária nas sociedades ocidentais -; imagens procedentes dos meios de comunicação massivos tradicionais e dos já não tão novos “novos meios” electrónicos, da publicidade comercial (o catálogo dos sonhos possíveis), sobretudo as representações do corpo humano.

Trata-se de uma obra de criação que por sua vez não renuncia ao seu carácter de investigação, de reflexão, isto é, de ser um poema que seja por sua vez um ensaio, ou seja, um estado de ensaio visual que se propõe intentar (através de alusões indirectas, mediante analogias) o pensar com imagens, através de imagens, num exercício transdisciplinar não afastado do território da semiologia social. O ponto de partida é sempre o da polissemia dos signos cujos múltiplos significados aumentam a sua carga ou se debilitam no contexto de cada leitura.

A praticamente ausência total de palavras, de texto escrito nestes trabalhos alude directamente à necessidade de ler as imagens e denuncia o progressivo fenómeno de “desalfabetização”, provocado pela nossa falta de competência no que toca à descodificação das linguagens visuais que são precisamente dominantes no nosso meio cultural. Situação à qual a proposta consiste na produção de um bloqueio, um retardamento do fluxo habitual das imagens, propondo as condições para uma interpretação crítica, dando lugar a uma certa incomodidade relativamente à nossa postura como leitores, como espectadores, como construtores de sentido, um questionamento do modo em que, com frequência inconscientemente, somos produtores e reprodutores de ideologia.

O que se pretende é, pois, reflectir através da própria acção e que este pensar seja percebido por sua vez como um convite à reflexão, partindo da consideração destes trabalhos como inseridos dentro de uma cadeia dialógica de enunciados que o precedem e que, são relidos e incluídos num decurso “outro” – sem que por isso deixem de pertencer àquele de que procedem nem empeça que no futuro passem a formar parte de outros.

Neste caso, o próprio título “A Partilha” é um empréstimo do texto – que se pode tomar como referência mas de que estes trabalhos não são, de modo algum, uma ilustração – *Le partage du sensible* (Jacques Ranciere, 2000), de onde o filósofo francês desenvolve uma ideia estética da política segundo a qual esta se estrutura sobre uma divisão do sensível, sobre as formas em que cada época permite ver, escutar, perceber, nomear...

Da mesma maneira que as relações de poder produzem formas estéticas, pelo contrário, as expressões culturais constituem modos de ver, de tornar visível, representar, simbolizar poder ou contrapoder. Todo o acto estético, enquanto que configuração da experiência, pela sua potencialidade de produzir modos de ver, de sentir, de existir, é, portanto, político.

Propondo religar visualidade e pensamento, esta série de vídeos e de sequências estáticas de imagens pretendem ser lidos como um ensaio visual em volta da distribuição do visível – o que se vê, o que se mostra, o que se exhibe... ou, o que é o mesmo, quem fala, quem tem a palavra, o que se percebe como linguagem, autorizada, carregada de sentido e como mero ruído...quem observa e o que é observado: de que modo a observação desenha os corpos, o seu lugar no mundo.